REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 269

11 DE JUNHO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

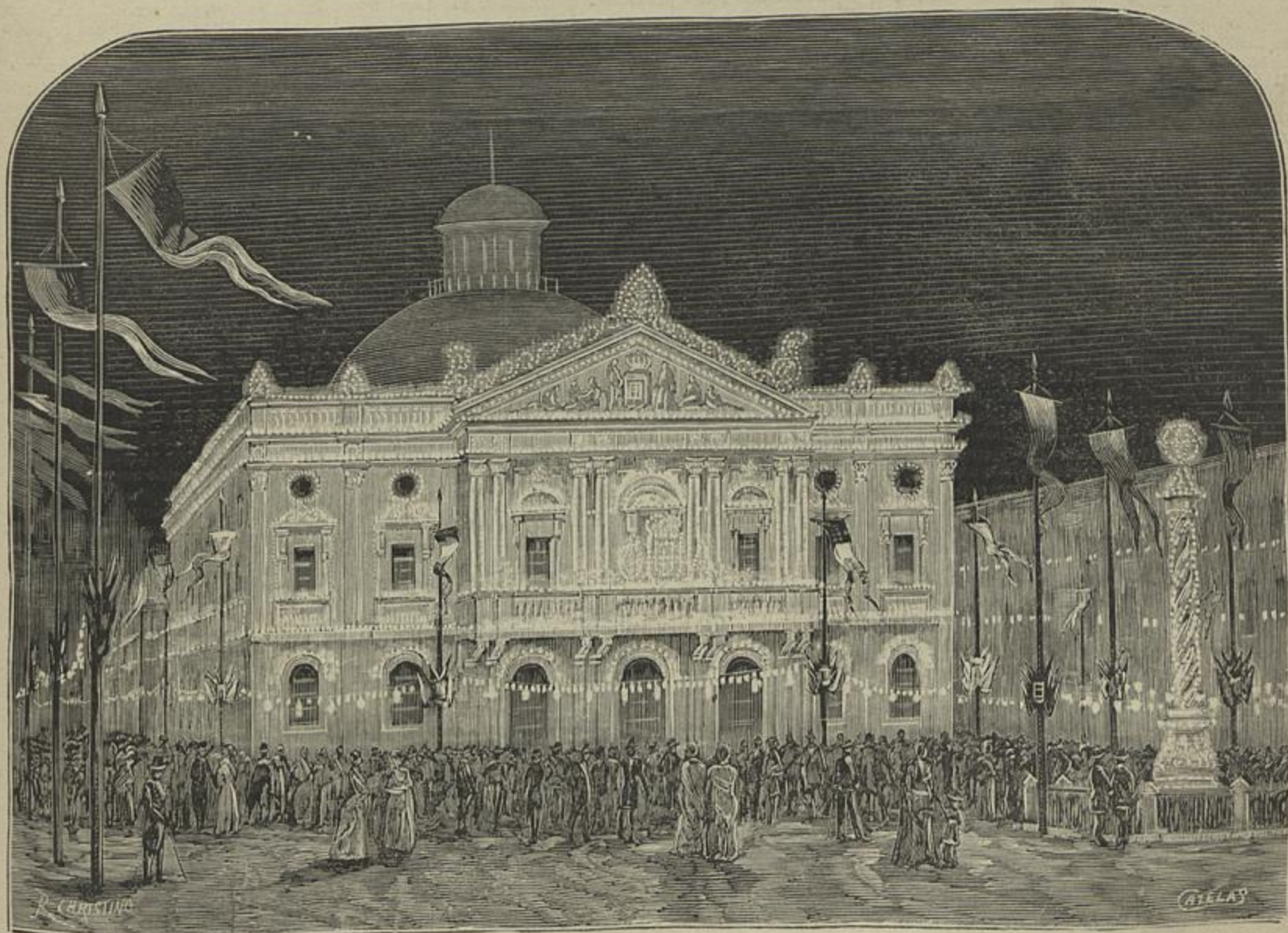
Ha que dias que se acabaram as festas e no fim de contas ainda se não acabaram de todo. Nas ruas de Lisboa já não ha mastros vermelhos, os coretos do Terreiro do Paço, já deram a sua madeira aos armazens do ministerio das obras publicas, os provincianos já retiraram todos para as suas provincias, mas os festejos ainda não disseram a sua ultima palavra.

Custa a saír essa tal ultima palavra, tarda-lhe a falla agora aos ultimos festejos, mas deve-se confessar em abono da verdade que o unico culpado d'essa demora, d'esses addiamentos continuados da ultima festa, é o tempo, esse extravagente e extemporaneo inverno que se alojou com todas as suas nuvens negras no nosso bello ceu azul, e que não saíe de cá nem á mão de Deus Padre.

É verdade que nós não devemos dizer muito mal d'esse tempo, offender muito essas grossas nuvens, porque se effectivamente tem sido ellas que tem feito addiar indefinidamente a festa da Tapada da Ajuda, — a festa cujo nome do organisador promette deslumbramentos unicos, o sr. conde de Burnay, em compensação essas nuvens salvaram a patria, a ordem publica e o governo, e é a ellas que se deve o abortamento d'essa Bernarda que nasceu tão espertinha com o nome de Maria da Piedade.

Pois é tal qual como lhes digo, meus caros leitores, quem dominou a revolta, quem dispersou o tumulto, quem poz ponto na batalha não foi nem o sr. general Moreira, nem o sr. governador civil, nem nenhum dos srs. ministros e secretarios d'estado, quem poz ponto na questão, e dispersou a arruaça foi unicamente uma grossa nuvem negra de trovoada!

O sr. commandante das guardas municipaes andava ha que tempos no Rocio a fazer correrias com a sua cavallaria de espada desembainhada,

CASAMENTO DE S. A. O PRINCIPE REAL D. CARLOS DE BRAGANÇA

ILLUMINAÇÃO DOS PAÇOS DO CONCELHO DE LISBOA (Desenho por J. Christino)

mandando dar carga á cav.llaria, descarga á infanteria, tiro e cutilada, pranchada e couce, o demonio! e nada do tumulto passar, nada dos amotinados deixarem o campo: pelo contrario cada vez se juntava mais gente, o grupo dos tumultuosos augmentava pouco a pouco e já se ouvia de vez em quando o seu tirosinho de rewolver, as pedras começ vam a fazer as suas viagens aereas, e fallava-se aqui e ali, com certa insistencia, em bombas de dynamite.

De repente vem uma nuvem, pára sobre o Rocio, abre o seu negro seio e despeja o seu aguaceiro sem ao menos dizer, agua vae: — o povo desapparece n'um momenro, o tumulto foge da agua fria, como um gato escaldado, o Rocio e immediações fica deserto como o Saarah e enxarcado como o Oceano Atlantico; e fez mais uma pancada d'agua em favor da ordem publica, que todas as medidas das auctoridades em favor da desordem.

E por isso, quando no dia immediato ao da *reprise* da celebre revolta do Vinagre no Rocio se fallava com insistencia na demissão do sr. commandante das guardas, muita gente imaginava que o sr. general Moreira seria substituido pela nuvem da vespera.

O caso é que esse *esquiso* de Bernarda deu que fazer a Lisboa, preoccupou toda a gente e durante tres dias foi assumpto dominante, o que lhe dá direito a ser registado na nossa chronica.

Respeitando esse direito, vamos tentar historiar o acontecimento com muito pouca vontade, confessemol-o, porque as scenas que se deram durante estes tres dias foram bem vergonhosas, bem indignas d'uma terra que quer passar por culta e civilisada, e porque nos sentimos com muito poucas propensões a ser Homero d'essa guerra de Troya da feira das Amoreiras, que teve por origem em vez do rapto da bella Helena a captura da Maria da Piedade, que não sabemos se é bella ou não, o que aliás nos importa muito pouco.

Na quinta feira da Ascenção, Lisboa bebia tranquillamente o seu café com leite matutino, comia as torradas do seu almoço quotidiano quando os jornaes do dia lhe noticiaram que na vespera ao cahir da tarde, cahira pancadaria em barda lá para os lados do Rato, por causa d'um policia prender uma rapariga de 15 annos chamada Maria da Piedade que andava passeando com um artilheiro chamado Nunes, na feira das Amoreiras.

Ha muito tempo que toda a gente sensata de Lisboa, toda a gente que não tem barraca de lona para armar, e que não arma desordens em vendas ambulantes de peixe frito e vinho de Torres, perguntava á camara municipal para que servia esse abarracamento immundo, esse arraial reles e insalubre que todos os annos, quando chegam as andorinhas, se enrosca no largo das Amoreiras em torno do chafariz, com o nome de feira.

A rasão de ser d'esses mercados ambulantes que d'antes se repetiam em datas fixas em Lisboa e nos seus arrabaldes caducou ha muito tempo, desde que a propagação de vendas permanentes de todos os objectos que a essas feiras se iam procurar, tornou perfeitamente dispensavel o mercado annual pelo mercado quotidiano.

Ainda somos do tempo, apesar de não termos a idade da Sé de Braga nem a do actor Silva Pereira, em que toda a gente de Lisboa e dos arrabaldes se ia fornecer á feira do Campo Grande de pannos de linho, e á feira de Belem de peros e nozes. Depois os meios de communicação e a abundancia de lojas de todos os generos tornaram inuteis esses fornecimentos annuaes, e com certesa hoje ninguem vae á feira de Belem, á feira do campo e muito menos ainda a feira das Amoreiras fornecer-se de cousa alguma, porque tudo que n'ellas se vende se encontra em centenares de estabelecimentos fixos em Lisboa, muito melhor, muito mais variado e incomparavelmente mais barato; até mesmo as proprias queijadas deixaram de ser para os gulosos um attrativo das feiras, pois que em todas as confeitarias se encontram queijadas mais baratas, e mais frescas de todas as verdadeiras Sapas, que Cintra tem produzido.

Ora desde o momento em que as feiras perderam o seu c racter d'utilidade, unico que as justificava, não se comprehende muito bem para que continuaram com a mesma regularidade. Só continuaram a pretexto de divertimento, um pretexto bem futil, porque as cousas mais sensaboronas de Lisboa, e não são poucas, tem que pedir licença á sensaboria das feiras.

Se não me engano o OCCIDENTE já por mais de uma vez, e em varios artigos tem feito estas considerações ácerca das feiras, todo o publico de Lisboa as faz, e todos os jornaes da capital as reeditam annualmente, quando se aproxima a epocha da feira das Amoreiras, feira que todos os annos se diz que se não faz, e que todos os annos se vae fazendo.

Não servindo para utilidade, não servindo para divertimento, as feiras servem para desordens, e agora a das Amoreiras ahi o provou ruidosamente, sendo o ovo de que saíu esse tumulto que se alastrou até ao Rocio e teve Lisboa em estado de sitio.

E se essa desordem servir ao menos para, uma vez por todas, dar cabo da feira das Amoreiras, o nome de Maria da Piedade será abençoado pelas gerações vindouras.

Mas vamos á triste e burlesca historia.

Um policia, cremos que por ciumes, prendeu injustamente, parece averiguado, uma rapariga que andava passeando com um artilheiro. Este oppoz-se á prisão, e comprehende-se perfeitamente isso. O policia prendeu tambem o artilheiro. Os outros soldados de artilheria que andavam na feira tomaram o partido do seu camarada, e, quando este ia preso no meio de municipaes para o commissariado de policia, quizeram dar-lhe fuga. Um soldado de cavallaria da municipal desembainhou o sabre, e quiz acutilar um artilheiro. Os artilheiros pucharam das espadas, veio mais policia, appareceram officiaes superiores, e n'esse dia o conflicto ficou por ahi.

No dia immediato, porem, os artilheiros, em numero de cem, dispozeram-se a tirar desforra da vespera, e foram pedir contas aos municipaes — umas scenas de regimento contra regimento, como ha vinte e um annos se tinham dado já, na calçada do Caldas, entre caçadores 5 e a municipal.

O povo interveio na questão logo, a favor dos artilheiros, e as auctoridades não intervieram senão mais tarde, e d'ahi um conflicto, ruidoso, persistente, que ia tomando proporções serias, que a auctoridade quiz debellar promptamente de mais, com cutiladas e correrias de cavallos, correrias e cutiladas que indignaram muita gente estranha ao conflicto, violencias que não accalmaram a arruaça, e que iam, pelo contrario, augmentando-a, quando veio uma chuva providencial, que fez recolher todos a casa com medo das bronchites, que fez os tumultuosos deixarem as pedras pelos guarda-chuvas.

No dia immediato o governo comprehendeu que effectivamente a guarda municipal fora em demasia violenta: deu-lhe ordem para que não sahisse do quartel, e, sem grande apparato, sem se desembainhar uma espada, conseguiu com a policia civil terminar o conflicto, prendendo os arruaceiros, que andavam já especulando para outros fins com a questão havida entre os artilheiros e os municipaes.

E assim acabou o conflicto, com duzentas e tantas prisões, que podem ter sido algumas arbitrarias, arbitrariedade porem que se justifica pela necessidade de pôr de vez ponto final n'essa arruaça vergonhosa e grotesca, que podia vir a ser perigosa, e que era já uma vergonha para a nossa capital.

A nossa chronica está no fim, e temos ainda que noticiar a explendida festa que o Club Dramatico Musical, de Lisboa, offereceu á princeza D. Amelia, e que dar as boas vindas a um excellente artista portuguez, um artista que os assignantes do OCCIDENTE conhecem muito, o sr. Ramalho, que regressou de França, onde esteve concluindo os seus estudos de pintura.

Antonio Ramalho, um dos mais brilhantes talentos da moderna pleiade artistica, uma das mais formosas e promettedoras esperanças da nossa arte, fez grandes progressos em Paris, progressos que ainda ha pouco se notaram nas obras que apresentou na exposição do *Grupo do Leão*, e nas que apresentou no *Salon*, de Paris.

Folgamos com todos os triumphos obtidos pelo nosso bom collega e illustre amigo, e saudamos o seu regresso a Lisboa com todo o enthusiasmo da estima que temos pelo seu bom caracter e da admiração que sentimos pelo seu bello talento.

Da festa do Club Dramatico Musical não podemos deixar de registar aqui o enorme *successo* alcançado pelos distinctos amadores de musica, que tão notavelmente executaram a opera de Ponchielli *I Promessi Sposi*, e o triumpho brilhante de Antonio Duarte, o illustre amador de musica que tem jus aos foros de artista eminente, e que fez o verdadeiro milagre de attingir aquelle alto grau de perfeição no *ensemble* de uma opera difficil, executada exclusivamente por curiosos.

O publico fez-lhe ruidosa ovação, a elle, a Leopoldo de Carvalho, que dirigiu a *mise-en-scène*, ao sr. Campos Valdez, que prestou o theatro para essa brilhante festa, ás sr.as Silva, Botto e Oliveira, e aos srs. D. José d'Almeida, João Affonso, Avelino Baptista, encarregados dos principaes papeis, e aos coros, que por mais de uma vez foram bisados e se houveram explendidamente. Nós não podemos fazer aqui senão acompanhar o publico n'essas ovações, e dar um bravo a todos esses distinctos amadores.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

ILLUMINAÇÃO DOS PAÇOS DO CONCELHO DE LISBOA

Entre as numerosas illuminações que se fizeram em Lisboa por occasião do casamento de S. A. o principe D. Carlos, tanto em estabelecimentos do estado como de particulares, tornou-se muito notavel a illuminação dos paços do concelho de Lisboa, pela arte com que foram aproveitadas as linhas architectonicas do edificio contornando com cordões de luz e desenhando sobre esses contornos vistosos ornatos luminosos que mais faziam realçar a architectura do edificio.

Era esta illuminação que mais attrahia as vistas do publico, e a respeito da qual toda a imprensa de Lisboa se manifestou com louvores.

A gravura dispensa mais minuciosa referencia illucidando melhor o leitor, que qualquer descripção que fizessemos, sempre insufficiente em presença do desenho que melhor se avalia.

FOGO DE VISTAS NO TEJO EM A NOITE DE 27 DE MAIO

A noite estava serena e de molde para que a festa não perdesse o magico effeito que teve.

Na extensa margem do Tejo agglomerou-se a população de Lisboa para desfructar o phantastico aspecto que o rio apresentava, todo povoado de pequenos barcos illuminados á veneziana e que cruzavam em alegre passeio por entre as embarcações de alto bordo, que se destacavam na escuridão da noite, todas illuminadas d'esde o casco até aos topos dos mastereos, parecendo de ouro pelas scintillações douradas que as suas luzes reproduziam nas espelhentas aguas serenas.

Era um espectaculo soberbo e que muito raras vezes se tem repetido no Tejo, tão proprio para estas festas em noites de estio.

Os pequenos barcos que deslisavam por sobre as aguas iam cheios de espectadores, que ao mesmo tempo formavam o espectaculo, e em muitos d'esses barcos, assim como em pequenos vapores tambem cheios de gente, algumas musicas alegravam a festa com os sons metallicos dos seus instrumentos, que echoavam na amplidão d'aquelle pequeno oceano.

Na margem opposta do rio viam-se luminosamente contornados os montes da outra banda, e do couraçado *Italia* e corveta *Affonso d'Albuquerque* brilhantes focos electricos cruzavam no ar os seus raios luminosos, produzindo ondas de luz oscillante de um magico effeito.

Pelas dez horas chegou a familia real ao palacio do museu de bellas-artes, d'onde devia presenciar o fogo que n'aquella noite se queimava no Tejo, e que constituia uma das partes da festa com que a Associação Commercial de Lisboa se associou á manifest ıção de regosijo pelo auspicioso enlace do principe real.

A essa mesma hora principiou o fogo, que na verdade foi surprehendente, e não ficou áquem do reclame que se lhe tinha feito.

Foi preparado pelos srs. Broch & C.a, pyrotechnicos do Palacio de Crystal de Londres, coadjuvados por alguns pyrotechnicos portuguezes.

Constou de quarenta e uma peças, entre fogo do ar e peças fixas, e, quer umas quer outras, foram de um effeito extraordinario, distinguindo-se, entre o fogo preso, as tres peças que representavam os retratos de SS. MM. o rei e a rainha, os condes de Paris, e o principe D. Carlos e princeza D. Amelia, em honra de quem era a festa.

O fogo levou cerca de duas horas a queimar, sem interrupção, cruzando constantemente no ar os *bouquets* de variadas cores illuminantes, aclarando o espaço, e dando aos olhos o mais alegre goso.

Esta parte das festas foi uma das mais completas, e que melhor effeito produziu.

PALACIO REAL DE BELEM

O palacio real de Belem entrou na posse da casa real portugueza, em 1726 por compra que d'elle fez D. João V aos condes de Aveiras seus primeiros possuidores e fundadores. Custou 200:000 cru-

zados incluindo a grande quinta que o rodeia e que D. João V ainda augmentou, comprando aos condes de S. Lourenço outras terras e edificações que lhe eram visinhas, o que tudo constituiu uma vasta area que não só deu para engrandecer os jardins e horta pertencentes ao palacio, como deu terreno para o jardim Botanico da Ajuda, etc.

Assenta o palacio, que é formado de cinco corpos, em terreno elevado e no meio de um frondoso jardim, muito proprio para habitação durante o estio, e tão apetecivel que por essa circumstancia é que D João V o adquiriu para residir n'elle, no verão.

A parte norte do palacio constituiu por muitos annos um hospicio para os frades da Arrabida, assim determinado pelo terceiro conde Aveiras, mas quando D. João V o comprou, acabou com o hospicio ali, e entregou em troca aos frades Arrabidos o convento de Mafra, no que estes foram de ganho, diga se a verdade.

As obras que D. João V fez então no palacio de Belem transformaram-n'o completamente na sua decoração interior e no ajardinamento da quinta que embellezou com tanques, cascatas, bellas ruas e escadarias com terraços aproveitando os accidentes do terreno, o que tudo fez do palacio de Belem uma verdadeira habitação principesca, fazendo lembrar os seus jardins, os jardins suspensos de Babylonia que foram uma das maravilhas da civilisação oriental.

O palacio de Belem interiormente não destoa das bellesas exteriores que o cercam. Tem magnificas salas principiando pelo salão de entrada cujo pavimento é forrado de marmore em xadrez e as paredes guarnecidas de medalhões com bustos de imperadores romanos cinzelados em jaspe, tendo ao centro da parede do fundo da sala um soberbo busto de D. João V, esculptura em marmore de Carrara perfeitamente executado. No tecto elevado, veem-se pinturas allegoricas hoje prejudicadas pelos retoques que tem soffrido para sua conservação.

A sala de baile, que é a immediata, é muito grande e ostenta bellas pinturas e relevos dourados no tecto as quaes estão menos mal conservados. As outras salas que se seguem, em numero de tres, tem todas decorações semelhantes ás primeiras, seguindo se lhes salas mais pequenas e que todas deitam janellas sobre a galeria que contorna o palacio e da qual se desce para os jardins por amplas escadas de pedra ladeadas por balaustres eguaes aos da galeria ou terraço.

Havia no palacio de Belem uma grande collecção de quadros de auctores estrangeiros e nacionaes, com que D. João V enriquecera as suas paredes, mas esses quadros embarcaram para o Rio de Janeiro em 1810 por ordem da familia real, que já lá estava, e por lá ficaram.

Este palacio tem sido habitado pela familia real uma ou outra vez, porque apesar das suas bellesas e situação, é relativamente pequeno para habitação permanente de um rei com todo o seu estado.

Entretanto ali esteve a rainha D. Maria II, nos annos de 1845 e 1846, emquanto se fizeram obras no palacio das Necessidades, alem d'esta tem-se n'elle hospedado varios principes estrangeiros e a rainha de Hespanha durante a visita que fez a Lisboa em 1867.

Alguns factos historicos importantes se ligam ao palacio de Belem, sendo um dos mais notaveis e de mais triste memoria, o ter sido ultimo tecto em que se abrigaram os Tavoras antes de subirem ao patibulo.

Foi no pavilhão do jardim, que tem frente para o largo de Belem, hoje praça de D. Fernando II, que o duque de Aveiro, marquezes de Tavora e o conde de Athouguya, estiveram de oratorio antes da hora extrema do seu supplicio.

Quando foi a revolta, denominada a Belemsada, estava n'aquelle palacio a rainha D. Maria II que alli recebeu o grande Passos Manuel, o eleito do povo, que conseguiu acalmar a exaltação popular fazendo com que a rainha voltasse ao paço das Necessidades e annuisse aos desejos do povo.

Em 1882 por occasião da visita a Lisboa do rei D. Affonso XII esteve hospedado n'este palacio o monarcha hespanhol. O principe de Galles tambem ali esteve hospedado em 1876 durante os poucos dias que visitou Lisboa.

*
* *

O palacio de Belem, póde dizer-se que entra hoje n'uma época nova da sua existencia. A escolha que d'elle fez o principe D. Carlos para sua habitação e mais de sua esposa a princeza D. Maria Amelia, vão marcar no quasi abandonado palacio, novos dias de explendor; e que as velhas tradições tristes que aquelle edificio recorda, desappareçam ao soupro de felicidade que lhe invadiu as suas salas, trazida nas auras alegres de dois esposos cheios de vida e mocidade e que escolheram aquelles tectos para abrigo e testemunhas dos seus amores, nas doçuras de uma lua de mel.

As obras que ultimamente se fizeram no palacio foram importantes, restaurando o que era possivel restaurar e reformando em parte a decoração das salas e mais aposentos destinados aos jovens esposos.

Para esse fim fizeram-se algumas divisões interiores para lhe dar mais commodidades, e a direcção d'essas obras foi confiada ao architecto das obras publicas o sr. Raphael da Silva Castro.

Os melhores artistas portuguezes trabalharam assiduamente por espaço de quasi tres mezes, na decoração das salas e quartos para os noivos, e os trabalhos que ali executaram fazem lhe honra pelo gosto e arte que lhes presidiu.

Vimos lá as obras de pintura feitas por Columbano Bordallo Pinheiro, João Vaz, Felix da Costa Cotrim, Malhôa, etc., as ornamentações de talha de Leandro Braga, e muitos outros trabalhos importantes que são outras tantas provas honrosas para os artistas que n'elles tomaram parte.

A gravura da 5.ª pagina reproduz a vista geral do palacio com os seus jardins, vendo-se á esquerda da estampa o palacio denominado do *Pateo das Vacas*, onde, em tempo de D. José I, estiveram as secretarias de estado e depois o Archivo Militar, tendo estado tambem ali hospedado o duque Fernando de Saxe Coburgo, pae de el-rei D. Fernando II, e em outubro de 1842 os filhos do rei Luiz Filippe de França, o principe de Joinville e o duque de Aumale.

Na frente vê-se a praça de D. Fernando II e o caes que deita para o Tejo, obra principiada por D. João V e concluida por D José I que mandou tambem construir junto aos jardins do palacio de Belem, o palacio denominado do *picadeiro regio*, que faz frente para a praça e que se vê na estampa.

A gravura da 8.ª pagina reproduz isoladamente o palacio de S. A. o Principe D. Carlos, vendo-se o jardim que está na sua frente principal, e do qual se passa ao primeiro pavimento ajardinado que dá sobre a praça com uma varanda, como se póde vêr na gravura maior.

Das janellas e jardins vê se o extenso panorama do Tejo, descobrindo-se até fóra da barra, assim como grande parte de Lisboa que se estende para a esquerda.

Nenhum outro palacio real reune condições tão apreciaveis como este, sob o ponto de vista pittoresco, porque emfim a sumptuosidade de um edificio não basta para nos attrahir; ha uma arte superior a todas as artes, que existe na propria natureza quando sabemos aproveitar os seus encantos.

Quando uma habitação está no meio de flores que embalsamam o ar e nos mostram as suas vivas côres á luz ampla de um sol peninsular, quando essa habitação se espelha nas aguas transparentes de um vasto rio, cremos que a natureza tem reunido uma boa parte dos seus encantos, e que essa habitação valle bem uma sumptuosa fabrica que não tenha a realçal-a tantas belezas exteriores.

Que a felicidade dos jovens esposos complete as alegrias com que a natureza os cercou no seu thalamo conjugal é o que sinceramente desejamos.

C. A.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PHOTOGRAPHIA NO PORTO

(Concluido do n.º 268)

AMADORES ESTRANGEIROS

Esta secção é exclusivamente preenchida por amadores inglezes e todos elles se apresentam de um modo distinctissimo.

O facto nada tem de extraordinario desde que se conhece o culto, quasi fanatico, que existe em Inglaterra pela photographia, arte que n'esse paiz tem attingido o maximo desenvolvimento e que é alli cultivada com verdadeira paixão.

Occupa o primeiro logar entre estes expositores, o celebre amador H. P. Robinson, auctor do tratado *Do effeito artistico em photographia. Conselhos aos photographos sobre a arte da composição e do claro-escuro*, e que se acha traduzido em francez por mr. Hector Collard, membro da Associação Belga de Photographia.

O auctor demonstra as theorias do seu livro em cinco magnificos quadros de composição, tres interiores e duas paisagens.

Nada mais bello e primoroso.

Uma das photographias, imitando na tonalidade, os quadros da escola hollandeza, representa um rapazinho provocando o appetite de um rafeiro com um bocado de pão que lhe mostra. Em duas outras destaca-se a figura airosa de uma rapariga, em attitudes diversas, inundada pelo jacto de sol que penetra por uma ampla janella.

No primeiro quadro, o tom geral é negro, o que não obsta a que sobresaiham as figuras e os accessorios do aposento. Nos segundos, os effeitos de luz envolvem em uma suave côr branca, o gracioso modelo. Eis os dois contrastes procurados com a maior intelligencia pelo photographo.

Nas tres composições a que nos referimos, a par de uma execução technica irreprehensivel, nota se a bella disposição das figuras, a harmonia dos *detalhes*, e sobretudo as gradações de côr, os magnificos effeitos de claro-escuro Dir-se-iam copias de delicadas pinturas em que não faltam até as partes apenas esboçadas de certos planos.

Nas duas paisagens dão-se as mesmas qualidades artisticas. Em uma d'ellas vê se um formoso grupo composto de tres raparigas e um velho, e na outra uma mulher caminhando por uma floresta, estando duas outras sentadas sobre um muro. O fundo é formado por um pedaço de rio limitado por uma arvorisação frondosa.

São verdadeiramente adoraveis estas composições, já pela disposição das figuras, já pela naturalidade dos movimentos, já emfim pela impressão de todas ellas. Depois de tudo isto a poetica escolha dos locaes, realçados pelo modo como estão definidos e graduados os planos e os toques de luz nas massas de sombra, tornam os dois quadros de um encanto indefinivel.

O sr. Robinson é em summa, a par de photographo eximio, um artista de grande sentimento.

O sr. Adam Diston, tambem apresenta cinco pequenos quadros de genero, composições photographadas a saes de prata. Representam scenas domesticas, de uma só figura, mas tão intelligentemente concebidas, tão naturalmente dispostas e tão primorosamente trabalhadas, que constituem verdadeiros primores photographicos.

O sr. P. H. Emerson, de Suffolk, expõe dez provas em platinotypia, tres a saes de prata e uma a carvão sanguineo.

Das provas em platinotypia, as mais bellas, são seis marinhas instantaneas, de uma delicadeza e de um primor de execução irreprehensiveis. São egualmente correctas uma paisagem e as scenas campestres, do mesmo processo. As provas a saes de prata representam assumptos domesticos, extremando-se entre ellas as que tem por titulo *Confessions*.

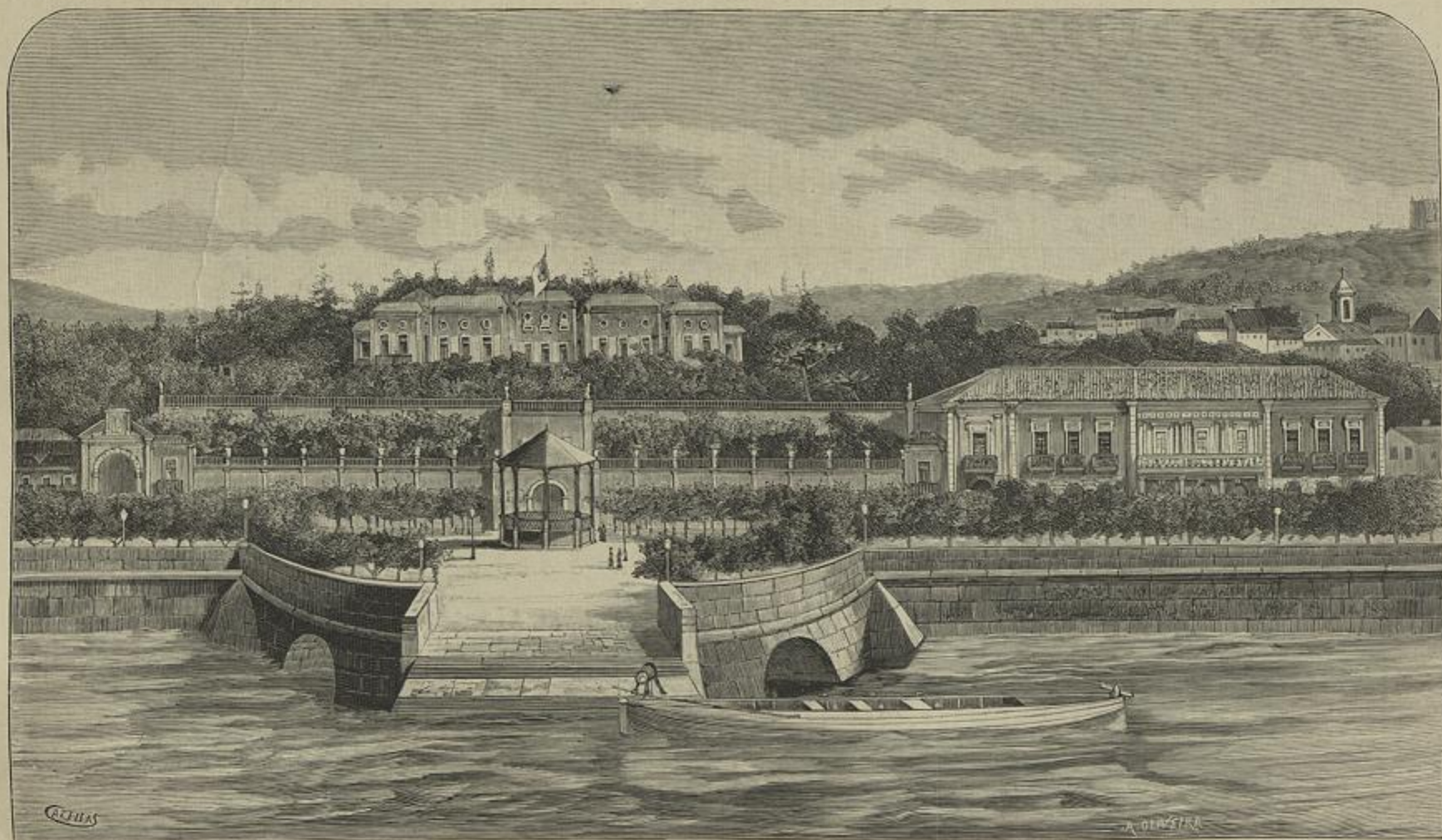
São formosissimas e de um bom gosto inexcedivel seis paisagens expostas pelo sr. J. P. Gibson, de Hexham, um amador de primeira ordem Nada mais suave, mais nitido, mais bello de côr, do que esses seis pequenos quadros, em que as quedas de agua, os bocados de ribeiro, as folhagens do arvoredo se accentuam em umas gradações de tons surprehendentes. As paisagens do sr. Gibson não tem talvez rival n'este certamen, em merito artistico.

Do mesmo modo distinctas são oito paisagens, exhibidas pelo sr. J. M. Brownrigg, de Guildford, nas quaes ha bellas projecções de agua, sendo além d'isso muito bem escolhidos os pontos photographados.

O sr. George Renwick, apresenta cinco ampliações em platinotypia e duas provas a saes de prata. As primeiras, representando aspectos de inverno, são interessantissimas. Grandes pedaços de paisagem, cobertas de neve, atmospheras ennevoadas sobre as quaes se destaca o emaranhamento do arvoredo, despido de folhas e debruado de geada, riachos com os seus reflexos escuros, emfim uma serie de impressões e perspectivas do effeito mais estranho e encantador. As duas provas a saes de prata representam um velho amolador em posições diversas. Tanto n'estes como nos outros quadros, o trabalho photographico é excellente.

O sr. Clement Williams, de Ualijax, exhibe uma preciosa collecção de paisagens e marinhas instantaneas, sendo as primeiras no genero das do sr. Gibson. Todas ellas se apreciam pela sua belleza e correcção. As marinhas são de uma poesia e de um aspecto surprehendentes. Sobretudo um effeito de luar, que tem por titulo *Light et eventide*, é maravilhoso. Os trabalhos do sr. Williams constituem um dos testemunhos salientes do modo admiravel como em Inglaterra se cultiva a photographia.

Finalmente o sr. Eduardo Alves expõe quatro caixilhos com paisagens e instantaneos dos srs. Morion & C.ª, de Londres, productos por igual primorosos e dignos de apreço.

O fogo de vistas e illuminações do Tejo, em a noite de 27 de maio. Festa da Associação Commercial de Lisboa (Desenho por J. Christino)

Vista geral dos jardins e palacio real de Belem, actual residencia de SS. AA. o principe D. Carlos e princeza D. Maria Amelia

(Desenho do natural por Cazellas)

AMADORES NACIONAES

Compete o primeiro logar n'esta secção aos notaveis amadores o sr. Carlos Relvas e a sr.ª D. Margarida Relvas, dois verdadeiros artistas, dois nomes consagrados pelos respeitos e pela admiração de nacionaes e estranhos.

Por muito que os bens de fortuna contribuam para que um amador opulento possa reunir todos os elementos de uma producção artistica primorosa, duas coisas ha que a riqueza não póde supprir: são a arte e o bom gosto.

Ponham-se á disposição de um ignorante e de um espirito superficial os mais aperfeiçoados apparelhos photographicos e os melhores productos chimicos, e o trabalho operado não passará de uma vulgaridade sem merito, de uma massa de claro-escuro sem a suavidade das gradações cruamente transmittidas pela luz

D'este modo, por excellentes que sejam os recursos materiaes dos dois amadores a que nos estamos referindo, uma coisa se destaca nos seus trabalhos, que dá a nota crystalina da sua elevada intuição artistica: é além da factura primorosa, a distincção e a belleza do aspecto.

Assim, desde o simples retrato até á vasta paisagem; desde o pittoresco costume até ás filigranas das arcaduras ogivaes, tudo tem relevo, nitidez e a côr que faz sobresair o *detal e*.

Seria decerto fastidioso minudenciar uma por uma todas as provas das numerosas collecções do sr. Carlos Relvas e de sua ex.ma filha e portanto limitar-nos-hemos a indicar englobadamente alguns d'esses trabalhos.

Do sr. Carlos Relvas notaremos além do preciosissimo album da exposição de arte ornamental, as bellas phototypias de monumentos e reproducções de quadros, as paysagens, nas quaes ha algumas admiraveis do Ribatejo, varios retratos apreciaveis, finalmente tudo o que póde constituir em photographia um elemento de interesse e de prova de execução primorosa, sob todos os pontos de vista artisticos.

Da sr.ª D. Margarida Relvas, além de varias paisagens, monumentos e costumes, uns deliciosos retratos circulados por flores, o que lhes dá um aspecto tão delicado como distincto, phototypias, provas a carvão, etc.

Os dois amadores que tão notavelmente se apresentam, exhibem os seus trabalhos em diversos processos, o que demonstra o quanto se dedicam ao estudo dos progressos da arte, a qual lhes tem merecido as mais elevadas recompensas em certamens estrangeiros e nacionaes.

De Lisboa concorrem os srs. Victor Sassetti, Arthur Benarus e Garland e Madame Effie de Pitroff., cada um dos quaes expoz varias paisagens dignas de apreço e que dão testemunho de uma intelligente aptidão.

Do Funchal enviou o sr. Joaquim Augusto de Sousa, uma boa collecção de vistas, representando grande parte d'ellas, quedas de agua; e de Evora, expozeram os srs. Pereira & Peixoto tambem varias vistas de um trabalho regular.

O sr. João S. Romão, de Braga, expõe diversas photographias a saes de prata, instantaneos e reproducções em que se nota pouca perfeição de impressão.

Do Porto apresentam-se os srs. José Mauricio Rebello Valente, Joaquim Basto, Eduardo Alves, Anthero de Araujo, Claro Outeiro, James Searle e André Cassels. Entre os trabalhos que todos elles exhibem ha muitos primorosos e de uma factura nitida. Consistem na maior parte em vistas, paisagens, e alguns retratos. O sr. Cassels, que é um trabalhador incansavel, tem na sua immensa collecção diversas vistas instantaneas, excellentes, e os restantes amadores revelam, por igual, nos seus productos, uma intelligente orientação e proveitosos conhecimentos da arte.

Em photographia collorida ha trabalhos apreciaveis dos srs. Francisco Guillon y Morante, e Frederico Camara Leme e de Miss Searle e Madame Moller Claus, todos d'esta cidade. Quem mais se distingue n'esta secção é o sr. Guillon que apresenta alguns retratos pintados com certa arte, entre elles um da actriz Amelia Vieira, de corpo inteiro e outro da cantora Adéle Borghi, muito bonitos pela naturalidade do colorido, quer das carnes, quer das roupas.

Ha ainda na exposição diversos retratos a crayon, copiados de photographia, muitos d'elles quasi detestaveis.

Para contrabalançar essa pobreza, o Centro Artistico expõe em uma elegante instalação alguns retratos desenhados por Marques de Oliveira, Sousa Pinto, Henrique Pouzão, Custodio da Rocha e Torquato Pinheiro, dignos de mencionar-se pela sua belleza e correcção.

Finalmente, no certamen expõem-se ainda apparelhos e productos photographicos e outros objectos, bem como livros sobre photographia.

E aqui terminamos a revista que nos propozemos fazer da actual exposição internacional de photographia, a primeira, no seu genero, que se realisa no nosso paiz.

Porto, abril.

Manuel M. Rodrigues.

O BUSSACO

(Excerpto do poemeto do mesmo titulo)

III

Em tamanhas bellezas enlevado
O pensamento e a vista,
Pelo extenso caminho fui andando
Até do monte á crista,

Por baixo sempre da cerrada abobada,
A luz mysteriosa,
Que de fundo, poetico respeito
Povôa a selva annosa.

Mas, á medida que meus passos galgam
A soberba montanha,
Mais viva claridade a natureza
De mim em torno banha.

Emfim ao alto chego, e a luz em jorros
Inunda o ceo e a terra,
E a vista livre n'um relance abarca
O mar, o plaino, a serra.

Que espectaculo! Oh! não, nunca meus olhos
Egual scena fitaram,
Nunca em tão largo ambito á vontade
D'est'arte se espraiaram.

Como é bello aqui estar, juncto do emblema
Da redempção humana,
Da rude cruz, a contemplar as obras
Da mente soberana!

Como tudo isto é grande! Ao longe e ao largo,
Desde o cume do monte,
Pasmado, absorto, o olhar incerto corre
De um a outro horizonte!

Ora se afunda na planicie ou valle
Que em doce paz se extende,
E que rio, ou ribeira fecundante,
Liquida prata, fende;

Ora sobe ao oiteiro atapetado
De esmeraldina relva;
Ora desliza pelo dorso escuro
De emmaranhada selva.

Uma vez segue a costa que o mar banha,
E o mar sempre inquieto;
Outras repoisa sobre o tenue fumo,
Que sae de humilde tecto.

Quantas povoações pela verdura
Aqui, alli alvejam,
Perdidas entre a grande natureza!
Que de aves avoejam

Pelo espaço infinito! E o soberano
Da creação, o homem,
Que tantas ambições, tamanhas lidas
Agrilhoam, consomem,

Nem sequer se descobre como um ponto
D'esta elevada altura,
Elle, que ser blazona d'entre todas
A maior creatura!

Aqui, longe da van sociedade,
Absorto n'estas scenas,
Quem me dera morar por algum tempo,
E das paixões terrenas

Sentir quebrar-se aos pés a vil cadeia,
E descançar minh'alma,
Das mundanas procellas fatigada,
N'esta grandeza e calma!

Quem tedio sente de viver entre homens
Venha viver tranquillo
Perto da natureza, e longe d'elles
Em tão quieto asylo.

Se tem fé, juncto á cruz, n'este augustissimo
Templo, de Deus só obra,
Reforçará o espirito que a onda
Do mundo não sossobra.

Se a não tem, sentil-o-ha, como aguia nova,
Qua o enthusiasmo impluma,
Erguer-se, arremessar-se no infinito
Buscando a causa summa;

Meditará no que é: um grão, um nada;
No que é quanto descobre:
Algumas lettras do universo apenas;
E ao ceo azul que o cobre

Alçará, sem querer, o olhar em busca
De um ser omnipotente,
Principio, origem, fim de quanto existe,
De quanto vê e sente.

José Ramos Coelho.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

X

O que valem os aperitivos perante a sciencia — O telephonio a grande distancia; Experiencias — A serpente do mar.

Cheltsof, um medico russo dos mais distinctos, fez ultimamente experiencias curiosas sobre o poder digestivo de algumas bebidas e drogas, que, tomadas antes das comidas, teem fama de facilitarem a digestão e de activarem a secreção gastrica, augmentando o appetite. Os extractos de *genciana*, de *quassia*, de *trevo* e de *absintho* foram estudados e d'essas observações resulta que esses extractos, ainda que em pequena dose, perturbam mais do que facilitam a digestão gastrica, e, tomados em dose maior, diminuem a secreção do succo gastrico; em dose diminuta augmentam ligeiramente essa secreção, em certos casos, porém o effeito é sempre passageiro, e o poder digestivo do succo gastrico fica sempre reduzido.

O effeito d'estes agentes sobre a bilis é variavel, augmentando-a uns, diminuindo-a outros, e deixando-a estacionaria outros.

Quanto ao succo pancreatico, a secreção não é diminuida nem augmentada, mas a digestão hypogastrica é sempre e incontestavelmente retardada.

Essas drogas não teem effeito apreciavel sobre as fermentações, e tanto que não as impedem nem as combatem, sendo nullos contra a putrefacção. Com respeito á assimilação das substancias azotadas, o absintho, a genciana, a quassia e o trevo, — drogas com as quaes se fabricam grande numero de *licores digestivos* ou *aperitivos*, — em vez de facilitar, impedem a assimilação. Em vez d'estes estimulantes, é pois preferivel antes o exercicio moderado, mas continuado, e o leite, a cerveja, e a agua com pouco vinho — *eau rougie* dos francezes, — quando haja sede, e isto sempre duas ou tres horas antes de comer. Um copo de leite satisfaz tanto sob o ponto de vista de bebida como de alimentação, mantendo o estomago e os mais orgãos do apparelho digestivo nas suas funcções. Convem chamar tambem aqui a attenção medica para essas formulas ferruginosas, brutaes na maioria dos casos, e que, em vez de fortalecerem o enfermo, mais lhe aggravam o padecimento.

— Rysselberghe, cujos trabalhos sobre telephonia a grande distancia são tão notaveis, colheu ultimamente tão optimos resultados das suas experiencias, que, diz elle no seu relatorio, «a palavra articulada poderá ser transmittida directamente, e não de estação em estação, como acontece com o telegrapho, de Londres a Calcutá!»

Rysselberghe tem um systema especial com o qual aniquilla os ruidos, que perturbariam a audição telephonica, sendo ella realisada por um fio de telegrapho ordinario. Parece-nos que Rysselberghe já esteve em Lisboa, e que n'este sentido se fizeram experiencias muito satisfatorias entre Lisboa e Porto. O seu systema *anti-inductor* permitte que se façam as transmissões de telegrammas ao mesmo tempo que se transmitte a palavra.

Eis os resultados agora obtidos na grande rede telegraphica das companhias dos Estados Unidos da America Septentrional.

Entre Grafton e Parkersburg, 167 kilometros n'uma linha de 8 fios, as communicações telephonicas cruzavam-se com os telegrammas. Eram alguns fios de ferro e outros de cobre. As expedições feitas por fios de cobre foram ouvidas com extraordinaria nitidez. A voz, pelos fios de ferro, chegava mais reforçada, mas pouco articulada.

Quanto á inducção dos fios de ferro uns sobre os outros, durante a transmissão, foi inapreciavel.

Depois d'esta linha, foram feitas experiencias com outras linhas.

De New-York a Chicago e de Baltimore a Chicago. Com conductores de ferro, a conversação teve por limite pratico a distancia de 400 kilometros. Comtudo entre Grafton e Fostoria — 520 kilometros — ouvia se, mas a metade das palavras perdiam-se. Com 1:000 kilometros deixava de ouvir-se: nem voz nem chamada phonica. Isto com fios de ferro. Mas com fios de cobre era differente. De Fostoria a New-York — 1:175 kilometros — empregando um fio de 2,mm7 — ouvia-se apenas, mas de Fostoria a Albany — 941 kilometros — a conversação foi perfeitamente mantida.

Um fio mais grosso dá uma audição mais perfeita. Por isso o sr. Van Rysselberghe affirma que «o alcance do telephonio é approximativamente proporcional á conductibilidade electrica dos fios: augmentando a grossura d'estes, augmenta-se o alcance.»

Os fios Compound são formados por um fio de aço de 3 millimetros, coberto de cobre na espessura de 1 e meio millimetro. Este fio corresponde, como conductibilidade a um fio de cobre de 5 millimetros. Dois d'esses fios foram reunidos, e, emquanto outros quatro funccionavam telegraphicamente, o telephonio fez-se ouvir entre New-York e Chicago, isto é, na distancia de 1:625 kilometros ou 325 leguas! Segundo o relatorio do engenheiro Steward, a voz ouvia-se tão clara e nitida, que seria possivel operar n'uma distancia tripla, isto é de quasi 1:000 leguas!

Rysselberghe garante o resultado a qualquer distancia, comtanto que o fio seja proporcionalmente grosso.

— Um livro recente, analysado pela *British Review*, torna a pôr na tela da discussão a existencia mais ou menos contestada dos grandes monstros, uns animaes fabulados pela phantasia popular, sempre propensa ao maravilhoso, outros realmente existentes, apezar de poucas provas convincentes se apresentarem para a confirmação da sua existencia.

De um *peixe agulha*, ha noticia nos nossas chronicas maritimas, que deu tal encontrão em uma das naus, que seguiam para a India, que parecia o navio haver tocado n'algum rochedo, e examinada depois se lhe encontrou um grande esporão enterrado na madeira. Do peixe *Oannes* diz ingenuamente fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no seu *Elucidario*, e Martinho de Azevedo nas *Antiguidades de Lisboa* fala de coisas espantosas o que o tornam um *cumulo* de credualidade pateta, e para amostra lembramos aquella historia dos *tritões*, que entraram no Tejo tocando em grandes busios para annunciarem o nascimento do redemptor.

Trata-se, porém, de assumpto mais crivel. A *serpente do mar* é citada em varias chronicas da Noruega. Sem falarmos d'essas relações, vejamos o que diz o testemunho Laurence de Ferry, o qual, vindo de viagem de Drontheim para Molde, viu uma d'essas monstruosas serpentes passar-lhe proxima do barco em que navegava.

«Como o animal, diz elle, proseguisse mais depressa que o barco á força de remos, atirei-lhe, com o que o monstro immergiu immediatamente. Seguimos ao logar, onde havia desapparecido, e alli esperámos, sem que tornasse a apparecer.» A cabeça, elevada a mais de 2 pés acima da agua, era semelhante á de um cavallo. Era de côr pardacenta, e a bocca inteiramente preta e muito grande. Os olhos eram pretos, e pendia lhe do pescoço uma comprida juba.

Muito mais recentes são as narrações publicadas no *The Zoologist*, e as relações de maritimos que dão á *serpente do mar* grandes proporções.

Jorge Drevor diz ter encontrado a 8 de janeiro de 1875, a 20 milhas do Cabo S. Roque, no Brazil, um d'estes monstros envolvendo nas espiraes do corpo uma baleia. O monstro deveria ter 160 a 170 pés de comprido sobre 6 ou 7 de largura. O que ha mais curioso é não ter sido nunca possivel capturar a *serpente do mar*.

João de Mendonça.

Soror Ignez Maria da Conceição E Soror Guiomar da Cruz

Intrigas conventuaes. Diplomacia de abbadeças. Estylo freiratico. Sotainas por detraz dos véos.

1668 — 1715

O seculo XVII foi, em França, o seculo das mulheres illustres, das bellezas excepcionaes, das escriptoras brilhantes, das peccadoras arrependidas. Tinha sobeja razão Victor Cousin quando escrevia: *Dans un grand siècle, tout est grand. Lorsque, par le concours de causes différentes, un siècle est une fois monté au ton de la grandeur, l'esprit dominant pénètre partout: des hommes peu à peu il arrive jusqu'aux femmes.*

O aphorismo de Victor Cousin, *dans un grand siècle tout est grand*, não o inventou elle, nasceulhe feito do estudo reflectido do modo de viver, sentir e pensar do seculo XVII, que o eminente escriptor aconselha a não confundir com o reinado pomposo e pessoal de Luiz XIV, brilhante corolario, ou antes sinthese dos reinados anteriores de Henrique IV, de Luiz XIII e da rainha Anna.

Por detraz das glorias do grande seculo, em tudo grande, estão os conventos povoados de mulheres formosas, exercendo uma influencia activa na sociedade profana do seu tempo, onde umas deixaram recordações inextinguiveis, d'onde outras de vez se separaram, apavoradas pelo receio das penas infernaes, e que, ao fugir do mundo, legaram uma recordação á posteridade.

Foram todas ellas escriptoras de primeira ordem, como madame de Lafayette, ou de Sevigné? Não foram. Outras qualidades, excepcionalmente femininas, ornaram as almas e os espiritos do crescido numero de mulheres que no seculo XVII se puzeram em evidencia, contribuindo para o seu explendor intellectual, e pondo-lhe o carimbo de affectuosa sensibilidade, que só as mulheres deixam indelevel em tudo quanto tocam, quer profanidades da vida, quer aspirações e antegôsos da eterna bemaventurança.

O eminente philosopho, auctor dos *Estudos ácerca das mulheres illustres do seculo XVII*, diz pouco mais ou menos estas palavras, na introducção á vida de Jaquelina Pascal, por quem, confessa-o elle, sente uma irresistivel inclinação: *entre a mulher de talento e a mulher auctora, existe uma grande differença: louro infinitamente aquella, sinto-me pouco inclinado para esta;* e protestando não pertencer á escola de Molière no que respeita aos seus asperos julgamentos com relação ao sexo feminino, accrescenta: *o homem e a mulher teem a mesma alma, o mesmo destino moral; as mesmas contas lhe serão pedidas do emprego das suas faculdades.*

Em outro logar do mesmo livro escreveu Victor Cousin, e eu cumpro um dever accolhendo-me á sombra da sua auctoridade, as seguintes linhas que me servem de desculpa para dar cabimento n'estes estudos a Soror Guiomar da Cruz e Soror Ignez Maria da Conceição, que apenas escreveram algumas cartas, não destinadas á publicidade, e de que logo faremos menção: *Nous n'aurons pas l'injustice et le mauvais goût de bannir de notre galérie les femmes auteurs, mais nos préférances, et pour ainsi dire les places d'honneur, seraient pour ces femmes éminentes qui ont montré une intelligence ou une âme d'élite sans avoir rien écrit, ou du moins sans avoir écrit pour le public.*

Pela minha parte acceito apenas metade das opiniões de Victor Cousin, não dando o logar de honra ás mulheres que não escreveram, de preferencia ás mulheres-auctoras, mas entendo, como elle, que ha almas de eleição, luctadoras silenciosas, que não desmerecem ao lado das que souberam dar fórma ás idéas, revestindo-as dos attractivos do estylo, e das pompas da oratoria.

O que eu não sei explicar é como o seculo XVII, sem impugnação reconhecido em França como o mais glorioso para as suas lettras, e com especialidade para a cultura do espirito feminino, poude reflectir-se em Portugal em um periodo não só desastrado mas vergonhoso da sua historia, revestida de episodios que Pinheiro Chagas não hesitou classificar *como os mais torpes da historia universal* (1). Que contraste entre os explendores do reinado de Luiz XIV, herdeiro e complemento de tantas outras glorias nacionaes, e as torpezas dos reinados de Affonso VI, e de seu irmão D. Pedro II, apenas compensadas pelas victorias do Ameixial e de Montes Claros, ganhas por dois dos seus mais illustres generaes!

Que abysmo entre a dignidade da França, e a vida abjecta da côrte portugueza, tão impregnada dos miasmas do lupanar, tão corroida pela lepra da devassidão moral, symbolisada em dois principes de baixos instinctos, e as demasias de uma rainha, franceza pelo nascimento, e de todo alheia aos melindres da sua excepcional situação de rainha e de mulher casada!

Pois apezar de tudo, os conventos de freiras foram em Portugal, no seculo XVII, os representantes quasi exclusivos do movimento litterario do sexo feminino, não havendo, anteriormente a esta epoca, periodo que intellectualmente se lhe avantaje, nem posteriormente outro que lhe faça sombra, á parte, diga-se já, a decadencia da lingua, e o mau gosto do gongorismo, ainda assim mais pronunciado nos escriptores da epoca do que nas mulheres.

(1) Pinheiro Chagas: *Historia de Portugal*, t. VI.

Não me cumpre narrar aqui os esforços empregados pela diplomacia, para levar a cabo o casamento de D. Affonso VI com D. Maria Francisca Izabel de Saboya, filha do duque de Nemours; mas o que não posso occultar, por se prender com o meu assumpto, é que em quanto duraram essas negociações, outras pelo mesmo tempo se entabolavam em Roma, para obter do papa Alexandre VII as necessarias bullas para a fundação de um convento de capuchinhas, a que o papa estava pouco inclinado a acceder, não só porque não queria mais conventos de religiosas, mas pela pouca correspondencia que então havia entre Portugal e a côrte pontificia (1).

Não obstante a futura rainha instava pelas bullas de Roma, não só por seguir a moda do tempo, como por se dizer geralmente em França, que o marido que lhe destinavam a teria reclusa seis mezes do anno em um convento, *e outras cousas pouco decentes*, que o chronista omitte por dignidade propria (2).

Por detraz das instancias da rainha, e das negativas do papa, estava a formal intenção d'este em querer que os conventos que se fundassem durante o seu pontificado fossem sujeitos aos bispos, e não aos geraes e provinciaes das ordens monasticas, facto que menciono pelo não suppôr alheio ás resoluções e hesitações em que sempre andaram as duas freiras revolucionarias de que se trata n'esta escripta.

O facto é que a rainha veio para Portugal acompanhada de quatro religiosas professas nos mosteiros das capuchinhas francezas de Pariz e de Tours, trazendo entre ellas a madre Maria de Santo Aleixo, que muito devia saber do seu officio, tamanha foi a repugnancia com que a deixaram sair de França, e os ciumes com que lhe disputavam as boas graças as duas princezas irmãs, D. Maria Joanna Baptista de Saboya, e a rainha D. Maria Francisca, chegando esta á escrever á freira: *Minha irmã mostrou não estar contente dos cumprimentos que lhe fazeis na minha carta; por que cria que merecia mais do que eu, que sou vossa de todo o coração.* O padre André de Barros, da Companhia de Jesus, falando das freiras que vieram com a rainha diz: *que não levou a rainha de Sabbá mais riquezas a Jerusalem, do que trouxe comsigo n'estas quatro heroinas, o real espirito que as arrancou da patria.* Os padres teem ás vezes d'estas hyperboles.

Este negocio das freiras deu que fazer em Roma, bem como a ordem do padre geral dada á madre Maria de Santo Aleixo, para poder falar em particular com a rainha, e de que esta por vezes se aproveitou, estou em dizer que não para concertarem entre si os meios mais faceis de tirarem almas do purgatorio, mas sim com intuitos pura e simplesmente mundanos.

Que havia mysterio n'esta amisade não me é licito duvidal-o, por dizer o ingenuo chronista que me vae servindo de guia, *que o mundo discorria sobre o assumpto como costuma fazer no que ignora, pondo a bocca com este errado discurso nas intenções da rainha.*

As companheiras da madre fundadora, vindas com ella para Portugal, foram soror Amada de Santa Clara, pessoa de grande distincção no seculo; soror Izabel de S. Paulo, de trinta e tres annos de edade, e muito formosa; e soror Cecilia de S. Francisco, de edade de vinte annos, de muito entendimento e notavel brandura e suavidade.

Finalmente tendo a rainha casado em Pariz, por procuração, e vencidas as ultimas resistencias da duqueza de Vendôme, que se oppunha á partida da madre Maria de S. Aleixo, e ponde-se o vento favoravel, embarcou D. Maria Francisca de Saboya para Portugal, trazendo comsigo as quatro freiras na nau almirante, chegando a Lisboa no dia 2 de agosto de 1666, dia nefasto para ella, e para a dignidade da casa real portugueza.

(Continúa)

L. A. Palmeirim.

RESENHA NOTICIOSA

General Mello Breyner. Falleceu no dia 3 do corrente este illustre militar, de quem ainda ha pouco o Occidente se occupou, por occasião da inauguração do monumento aos Restauradores. Em o n.º 265 publicámos o seu retrato e uma no-

(1) D. José Barbosa: — *Historia da fundação do real convento de S. Christo das religiosas capuchinhas francezas.*
(2) Idem. Idem.

ticia biographica em que se acham mencionados os principaes actos da vida do militar, e em que se referem as virtudes do homem. O general Mello Breyner era alvo das maiores sympathias, e essas sympathias tinham a sua justificação nas excellentes qualidades do fallecido.

General Canavarro. Falleceu em Santarem no dia 27 do mez passado o general Francisco de Sousa Canavarro, um dos poucos que restam d'essa phalange de bravos que combateram pela liberdade e prepararam ao seu paiz essa longa paz que todos desfructamos vae para quarenta annos. O illustre general era filho do general barão de Arcossó, e sentou praça de cadete ainda muita novo. Foi ajudante do conde de Avilez, e em 1832 era já alferes, sendo promovido a tenente no anno seguinte. Em 1845 foi promovido a capitão; em 1851, major; tenente coronel em 1862, e em 1864, coronel; general de brigada em 1877 e de divisão em 1881. Commandou os regimentos de lanceiros, e foi inspector da arma de cavallaria. Era fidalgo cavalleiro com exercicio no paço, e commendador da ordem de S. Bento de Aviz, cavalleiro da Torre e Espada, de Christo e da Conceição, e tinha a medalha da campanha da liberdade algarismo n.º 9. Quando falleceu exercia o cargo de presidente da commissão de remonta. Foi um militar valente que serviu a patria por mais de cincoenta annos, sempre com honra. A sua falta é muito sentida, como o é sempre a falta de um homem de bem, em que a valentia natural do seu animo não era inferior á austeridade do seu caracter probo e impolluto.

Erupção vulcanica. O grande vulcão Etna tem assumido uma erupção violenta como ha muitos annos não tinha. As ultimas noticias de Catania annunciam o perigo eminente que está sob as povoações visinhas, como são Nicolosi e Belpasso. A lava adquiriu uma velocidade de 70 metros por hora. As ultimas noticias confirmam os receios que havia de que as cinzas sepultassem a povoação de Nicolosi, porque a erupção cresce e invade com as suas lavas a povoação, d'onde os habitantes fogem aterrados salvando o que podem.

Casamento do presidente dos Estados Unidos. Casou no dia 2 do corrente, em Washington, Mr. Cleveland, presidente da republica dos Estados Unidos, com uma joven senhora, Frances Folsom. O acto teve um caracter puramente particular, sem festas publicas, e unicamente com a assistencia da familia e dos amigos que Mr. Cleveland convidou para esse fim por meio de convites extremamente laconicos e modestos. Mr. Cleveland tem cincoenta annos, e a sua noiva apenas vinte e dois.

Caminho de Ferro de Mossamedes ao Bihé. Os srs. Hermenegildo Capello, Roberto Ivens e Antonio Joaquim de Mattos apresentaram ao sr. ministro da marinha uma proposta para a construcção de um caminho de ferro de Mossamedes ao Bihé. Esta linha ferrea deverá ser dividida em tres secções da forma seguinte: a primeira, do litoral á serra da Chella, na extensão de 150 kilometros; a segunda, de egual extensão até Caconda; a terceira, até ao Bihé com 200 kilometros. Esta obra, como outras que devem ser postas em pratica, deverão constituir o nosso verdadeiro imperio africano, por meio do progresso e da civilisação que irá desentranhar as riquezas naturaes d'aquellas regiões.

CASAMENTO DE S. A. O PRINCIPE REAL D. CARLOS DE BRAGANÇA

O palacio real de Belem, visto do jardim (Desenho do natural por Cazellas)

Real Gymnasio Club Portuguez. Conforme estava annunciado, verificou-se na noite de 31 do mez findo o grande espectaculo gymnastico e de equitação que o Real Gymnasio Club Portuguez offereceu a SS. MM., associando-se aos festejos que se celebraram em honra do casamento de S. A. o Principe D. Carlos de Bragança. O espectaculo foi brilhante, como sempre costumam ser todas as festas d'esta sympathica sociedade da mocidade lisbonense, não podendo nós deixar de especialisar os trabalhos de equitação do sr. Martins, que é um verdadeiro mestre de alta escola. Agradecemos o bilhete com que fomos brindados.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Diccionario Universal Portuguez Illustrado, redigido pelos principaes escriptores, e editado por Henrique Zeferino d'Albuquerque, Lisboa. Fasciculos 86 e 87, alcançando este ultimo á palavra *Balzac*. É um livro monumental, porque constitue só por si uma bibliotheca onde se encontra tudo quanto interesse ao que desejar saber historia, nos seus variados ramos de litteratura, sciencias, artes, etc.

Grande Diccionario Contemporaneo, francez-portuguez e portuguez-francez, pelo professor Domingos de Azevedo, publicado com a approvação de Victor Hugo, e revisto pelo sr. Luiz Filippe Leite, professor do lyceu de Lisboa. Antonio Maria Pereira, editor, Lisboa. Fasciculos 47 a 59 d'este diccionario, a que já nos temos referido com o louvor que merece obra tão util quanto bem elaborada pelo desenvolvimento que tem, sendo o diccionario mais completo que conhecemos francez-portuguez.

Relatorio da administração da Real Casa Pia de Lisboa, *do anno economico de 1884 a 1885, apresentado a s. ex.ª o ministro do reino pelo provedor Carlos Maria Eugenio d'Almeida.* Lallemant Frères, imprensa, Lisboa. Este importante estabelecimento de caridade, á frente do qual está o sr. Carlos Maria Eugenio d'Almeida, mui digno seguidor da esclarecida administração, iniciada n'aquella casa pelo fallecido sr. José Maria Eugenio d'Almeida, pae de sua excellencia, tem continuado a produzir os beneficios, que fazem da Casa Pia um instituto modelo. N'este relatorio encontram-se desenvolvidos mappas do movimento escolar, das aprendizagens, do pessoal, das receitas e despezas, incluindo a despeza feita com as obras de conclusão do edificio, obras que teem tido um andamento regular, o que permittirá ver em poucos annos concluido aquelle magestoso edificio em todas as suas partes, para o que muito tem concorrido a actividade do seu digno provedor.

O Bussaco, *poemeto* por José Ramos Coelho. Coimbra, imprensa da Universidade, 1886. É um simples folheto de 16 paginas que vale um grosso volume, pela belleza dos versos, feitos a primor, em que a inspiração se expande desassombradamente sem se affastar da arte. É assim que comprehendemos a poesia, desde que ninguem é obrigado a ser poeta e a fazer versos. O sr. Ramos Coelho não precisa da nossa humillima apreciação para juntar ás mais auctorisadas opiniões que de ha muito o proclamaram poeta, e por isso nas nossas palavras ha apenas a sincera admiração que sentimos pelo talento e pela arte, quando aquelle tão bem cultiva esta e nos dá fructos tão selectos. Para que os nossos leitores possam apreciar como nós apreciamos o delicado poemeto, pedimos venia ao auctor para n'outro logar da nossa folha transcrevermos um trecho do *Bussaco*, seguros de que nos agradecerão tão bello mimo.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.